

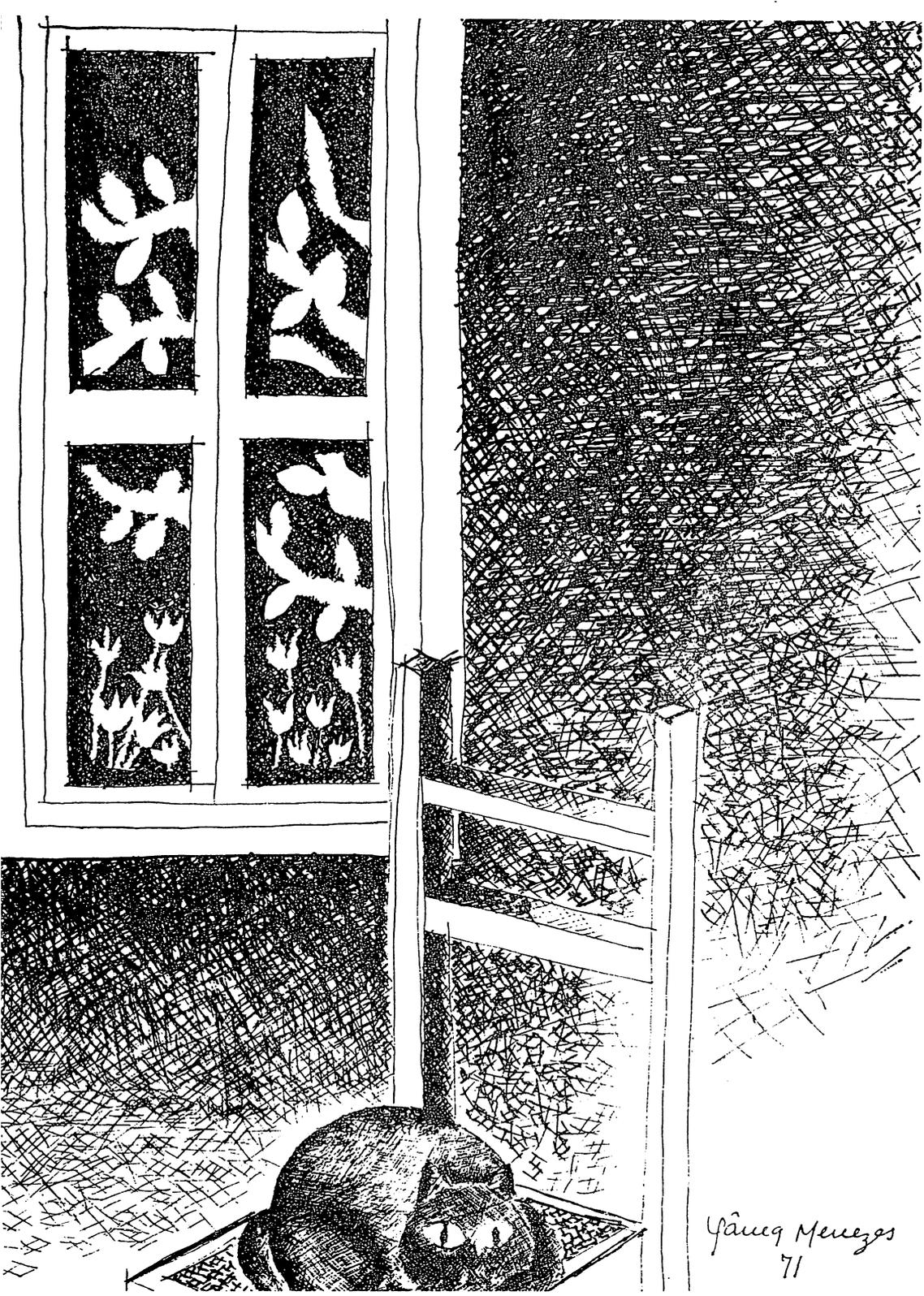
R O N D A

YIN

MARIA DAS GRAÇAS SILVA

Curso de Formação de Atôres
Teatro Universitário — 1º ano

Faltava um homem para admirar. As laranjeiras davam flôres e ficavam. Havia também algumas dúvidas. O tempo à espera. Impassível. Mesmo aquela mulher que faltava. Borboletas raspando os vidros com as patas. Janelas fechadas. Quem passasse por lá sentia saudade. Mas nem por isso as flôres morreram. Cada primavera incutia-lhes, nas côres, vida nova. E eram lindas de se ver. Na cozinha as panelas queimavam éter no fogo eterno. As ondas quebrando-se no borbulhar de areia. A casa se dizia dos amores etéreos. Mas faltava o homem e todos sabiam. Até a mulher que também faltava, faltava na falta do homem. No entanto, ela estava presente. Fixada e só na parede, a mulher esperava. Tinha que chegar a hora da condição final e melhor. O homem estivera lá. Por isso a consciência de sua falta; a certeza de sua volta. Os ratos a secar suas peles no sol da janela. Para êles era indiferente viver ou não, sem o homem. E ainda estava sêco o sangue agarrando com unhas e dentes o chão vertical. Não havia água que tirasse. A mulher soltou um suspiro escorregante até o ouvido de todos. Então se admiraram. O suspiro é porque também faltava a mulher. Ela presente; no entanto pintada e tinta. Não se conformando, o vento uiva debaixo da cama. Incomoda bichano. Bichano não era mais



Yânuç Menezes
71

o mesmo. Tornara-se muito egoísta. Ousava não dividir o macio de seu pêlo.

As tardes chegavam muito bem vestidas. Nas dobras das roupas o sonífero lamento de uma cítara. Nessas horas o cisne negro estacionava o nado rente as margens, ouvindo no alongar do pescoço. O lago era enorme e azul. As flôres, chegado o tempo, iam morrer em suas águas. E o homem ainda fugindo dos olhos da natureza. E todos já não possuíam as mãos da mulher que afaga. O fogo explodindo espaços. Bichano miando entrosado com o vento. Quem dera o passado! Talvez o gato de botas transpusesse sete, mil, milhões de léguas. Traria a alegria. Uma alegria maior, porque já havia a da esperança. A mulher não decidiu no quadro negro. Possível/impossível. E depois de tôdas as tardes lá vinha a noite escorregando montanha abaixo. Uma brincadeira. Noite criança. Certa laranja, cansada de só dar flôres, deu também alguns frutos. Vieram então os pássaros do céu e puseram-se a comer. E novamente os lírios do campo se abriram em cálice na veste clara. Queriam que os olhos da mulher se enchessem de vontade. Uma vontade capaz de realizar qualquer coisa e uma que todos bem sabiam. Ulysses ausente.

De manhã dona Galinha inspecionou a casa. Pôs tudo em ordem e o poleiro dos anjos no terreiro. Era preciso vigiar e orar. A hora ninguém sabia; tão pouco as virgens ninfas do lago azul. Depois alguém olhou para o lago e viu o cisne negro coabitando com as virgens brancas e ninfas. Gargalhadas geral. Um cisne tão orgulhoso! Mas nada disso importa. O anseio maior paira no ar. Um sentimento que se agarrava logo logo no coração da florzinha nascida. Não tinha escapatória. Esperar eterno de tanta pressa.

Antes, a mulher do quadro vestia seus cabelos de azul e a natureza. Seus cabelos prêtos agora, não conseguiam atingir com suas côres o verde das árvores. Alguns sugeriram: o que custava esticar o fio da esperança um pouco mais? Já que êle existia de um a outro extremo, podia agora contornar os lados.

João de Barro, e nem o sabia, construiu uma casa tão sólida que durasse várias gerações a partir do Reino de Eldorado, nos primórdios das civilizações. Viveu 700 anos e morreu na santa paz dos pássaros. Nesse tempo sua família dominava todos os galhos de árvore que havia por lá. Porém faltava o homem e a pintura sabia que a mulher também faltava.

Quando a cotovia soltou o canto no céu, o mar veio quebrar suas ondas no pasto, em homenagem aos cavalos de Netuno que não mais quiseram voltar. Puseram-se marcialmente e ruminantes em fila à espera do séquito real. Então fêz-se um claro nas nuvens e a sombra do homem delineou-se no espaço. A mulher à sua mão direita.